

Adriana Freire Nogueira

**«LÁ PARA AS CALENDAS GREGAS!
CALENDÁRIOS E CRONOLOGIAS NA GRÉCIA ANTIGA»**



«LÁ PARA AS CALENDAS GREGAS! CALENDÁRIOS E CRONOLOGIAS NA GRÉCIA ANTIGA»

Adriana Freire Nogueira¹

Centro de Estudos Linguísticos e Literários (CELL)
Universidade do Algarve

«Quando alguns querem dizer que nunca vão pagar, diz-se que ‘vão pagar para as Calendas Gregas’» explica Suetónio, em *O Divino Augusto*, 87. E foi esta expressão, ainda hoje tão usada, que deu o mote para a presente comunicação, dado que, na Grécia, não existia a palavra «Kalendae» enquanto designativa do primeiro dia de cada mês. Este era o seu nome entre os Romanos.

1. Da contagem do tempo aos calendários

Mesmo antes de qualquer estudo sistematizado por parte dos homens da ciência, os gregos tinham formas de contar o tempo associadas ao que era visível e sensível às suas necessidades, como as estações do ano e as festas religiosas associadas a actividades produtivas. Homero demonstra conhecer o ano solar² e a divisão do dia (aqui, da noite) em partes³, bem como Hesíodo. Em *Trabalhos e Dias* (mas também na *Teogonia*⁴) por ser uma obra de ensino sobre a agricultura, recorre aos conhecimentos dos astros para apresentar as diversas estações e quais os momentos propícios ou nefastos para a plantação ou colheita deste ou daquele produto (573), para esta ou aquela actividade agrícola ou marítima (665), principalmente através da notação dos solstícios. É por isso que se pode chamar ao calendário de Hesíodo um calendário sazonal (Hannah, 2005:27).

¹ Artigo elaborado no âmbito da linha de investigação em Estudos Comparados, do Centro de Estudos Linguísticos e Literários (CELL) da Universidade do Algarve, financiado pela FCT e participado pelo F.E.D.E.R.

² *Odisseia*, XIX, 306: «No decurso deste mês chegará aqui Ulisses/ entre o quarto minguante e a lua nova». As traduções de Homero são de Frederico Lourenço. *Odisseia*, Livros Cotovia, 2003; *Iliada*, Livros Cotovia, 2005.

³ Homero, *Iliada*, X, 253, «os astros já avançaram e já passaram mais de dois terços/ da noite: só nos resta agora a terceira parte». Tradução de Frederico Lourenço, Livros Cotovia, 2005. Ver ainda *Odisseia*, XII, 312: «Quando veio a terceira parte da noite, volvidos os astros».

⁴ 58 – «Mas quando o ano revolveu, e as estações regressaram quando os meses chegavam ao fim, e se tinham cumprido muitos dias».

É, pois, necessário distinguir os calendários astronómicos dos calendários civis.

2. Calendários astronómicos

Os calendários astronómicos procuravam reflectir os intervalos naturais tempo, i.e., o ano tropical, o mês sinódico (também chamado mês lunar) e a lua.

O ano tropical⁵ é a forma de ano solar⁶ que se situa entre duas sucessivas passagens do Sol pelo equinócio da Primavera. Outra forma de ano solar é o ano sideral (maior que o tropical em cerca de 20 minutos⁷), nome que se dá ao tempo que o Sol demora a atravessar a eclíptica, partindo de uma estrela e a ela regressando. Paralelamente existe o mês sideral (27.32166 dias), que refere ao intervalo de tempo que a Lua leva a completar a eclíptica à volta da terra, partindo de uma estrela e a ela regressando. Este mês é menor que o mês sinódico (29.53059 dias), pois enquanto a Lua se move à volta da terra, a terra move-se à volta do Sol, fazendo com que a conjunção se atrase cerca de 12 dias.

Ora esta tentativa de combinação de anos, meses e dias não era tarefa fácil, visto que as variantes eram muitas e os meses lunares não se encaixavam nos anos tropicais em cerca de 11 dias... Porém, através da técnica da intercalação (de dias ou meses, consoante a necessidade) foram sendo construídos calendários que procuravam associar estes intervalos aparentemente não comparáveis de anos (centrados no Sol) e meses (centrados na Lua), formando os calendários lunissolares. E se no quotidiano os gregos se regiam principalmente pela observação directa dos intervalos naturais de tempo (fases da Lua, por exemplo), os astrónomos procuraram um modo de descrever as variantes através da construção de ciclos. Com um conhecimento estável⁸ ascendendo ao séc. VI a.C., o século V (e IV) a.C. pôde, com os seus filósofos⁹, debruçar-se sobre estes assuntos que tanto os interessavam (a acusação, na *Apologia de Sócrates*, de Platão, dizia que este «investiga os fenómenos celestes e pesquisa o que se passa debaixo da terra»¹⁰).

⁵ 65 dias, 5 horas, 48 minutos e 46 segundos.

⁶ Tempo que medeia a passagem do Sol ao longo da eclíptica.

⁷ 65 dias, 6h, 9 minutos e 9,5 segundos.

⁸ Lemontam a essa época descobertas como, o gnómon, a obliquidade da eclíptica, os solstícios, ou a rotundidade da terra.

⁹ Para um resumo das contribuições de Anaxágoras e Pitágoras, bem como de Eudoxo em Aristóteles, ou Calipo, ver Samuel, 1972: 23-33.

¹⁰ 8b. Tradução de J.G. Trindade Santos. Platão, *Éutifron, Apologia de Sócrates, Críton*, Lisboa, INCM, 1993.

Censorino¹¹ é a nossa fonte para os ciclos mais antigos, que podem ser situados no séc. VI a.C., referindo, no cap. 18, a existência de diversos ciclos, que se vão aperfeiçoando, começando por um de três anos (*treterida appellabant*), seguindo-se um de quatro

Postea cognito errore hoc tempus duplicarunt et tetraeterida fecerunt; sed eam, quod quinto quoque anno redibat, pentaeterida nominabant

e um de oito, de autoria ambígua

Hanc octaeterida vulgo creditum est ab Eudoxo Cnidio institutam, sed alii Cleostratum Tenedium primum ferunt composuisse et postea alios aliter

Este último ciclo mencionado, a octaetéride, é explicado por Gemino¹². Simplificando, nestes oito anos procurava-se uma consonância entre o tempo lunar e o solar: 5 anos de 12 meses com 354 dias (12 vezes os meses lunares atrás referidos), e 3 anos de 13 meses com 364 dias. No 3.º, 5.º e 8.º ano, após o sexto mês, intercalava-se um outro mês, de 30 dias, que tinha o nome deste último acrescentado do epíteto «segundo», tendo esta estrutura perdurado até ao séc. I a.C. Tomando como exemplo, os Jogos Píticos, que se realizavam de quatro em quatro anos, celebravam-se pela primeira vez no 2.º mês de um 1.º ano de 12 meses; pela segunda vez no 2.º mês de um 5.º ano de 12 meses em que o 3.º ano já teria tido 13 meses, e a 3.ª edição dos Jogos seria no 2.º mês de um 9.º ano em que o 5.º e o 8.º ano já teriam tido mais 1 mês cada um. Este ciclo, no entanto, precisava de algumas correcções: a cada período de 16 anos eram acrescentados 3 dias, ao fim de 160 anos, um dos meses intercalares (também chamados embolísticos) não deveria ser acrescentado, de forma a conseguir a pretendida consonância. Muitas foram as actualizações e melhoramentos a que foi sujeito (nomeadamente por Sólon) e terá sido usado até 432 a.C., data em que Méton¹³ apresenta o ciclo de 19 anos. Mas, entre estas duas propostas, outros astrónomos apresentam diferentes soluções, como Filolau ou Enópides, ambos com um ciclo de 59 anos (mas com opções de divisão diversas). Quanto à autoria, não há acordo, sendo Cleóstrato de Tenedos o seu mais plausível inventor.

Assim, a 23 de Junho de 432 a.C.¹⁴ iniciou-se, então, o ciclo que mais

¹¹ Séc. III d.C., autor de *De die natali*. Texto consultado em http://penelope.uchicago.edu/Thayer/L/Roman/Texts/Censorinus/text*.html <http://www.gmu.edu/departments/fld/CLASSICS/censorinus.html>

¹² Séc. I a.C. (datas concretas não consensuais).

¹³ Ateniense do séc. V. a.C. Foi astrónomo, matemático e engenheiro.

¹⁴ Samuel, 1972: 45, n.4. apresenta vários raciocínios e datas comumente aceites (como 27 de Junho) e propõe 25 de Junho. Mais recentemente, Bowen e Goldstein, 1988, ou Hannah,

durou, o ciclo de 19 anos, com 235 meses lunares, dos quais 7 eram inter-ares. O nome de ciclo metónico immortalizou o seu criador¹⁵, se bem que não consegue afirmar se teria ou não influência babilónica¹⁶. Neste sistema, fal- am cerca de 11 meses para que o ano lunar (de 354 dias, com meses de 53 dias) correspondesse ao solar (de 365,24 dias). Foram assim acrescenta- dos os referidos 7 meses de 30 dias nos 2.º, 5.º, 8.º, 10.º, 13.º, 16.º e 18.º is¹⁷, retirando-se, todavia, um dia em cada 64.

Este ciclo foi bastante usado por Méton e Euctémon, seu parceiro, na instrução de almanaques (parapegmas¹⁸) que previam o tempo, e preconiza- n qual a melhor estação para as diversas actividades agrícolas e marítima¹⁹. am encontrados parapegmas destes em diversas cidades, o que revela o in- esse do povo por este tipo de informação (mesmo que não coincidisse com o modelo pelos quais também se regiam, como se verá adiante).

Cerca de um século mais tarde, em 330 a.C., Calipo de Cízico²⁰ reforma o calendário que fora incapaz de satisfazer completamente o desfazamento re os anos tropicais e os meses lunares. Sem interromper a contagem, consi- u um ciclo de 76 anos, composto por 4 ciclos metónicos, com 28 meses in- calares. Como sobrava um dia, esse era excluído no final.

Apesar de se saber da existência de outros calendários astronómicos de nor prevalência²¹, estes dois foram, efectivamente, os mais duradouros, n utilidade, quer para astrónomos e teóricos, quer para a população em al.

3. Calendários civis

Reflectindo a constituição política, também os calendários eram organi- los de modo discrepante nas diferentes cidades-estado, situação que se pode

005:54, entre outros, propõem a data indicada no texto. Estas deduções são possíveis graças o parapegma de Mileto, que apresenta uma data em grego e a sua equivalente em egípcio e ssim, através das tabelas do papirologista T.C. Skeat (de 1954), consegue-se fazer a conver- ão, com alguma precisão, para o calendário juliano.

oram levantadas outras hipóteses de autoria por parte de Gemino (entre outros) e apresenta- os nomes como Euctémon, Filipe, Calipo. Cf. Samuel, 1972: 48.

Os Babilónios também usavam um ciclo de 19 anos. Hannah, 2005:56.

Esta numeração também não é unânime.

quadro cronológico, em pedra, com os dados organizados por colunas, com informações as- onómicas e astrológicas.

lickerman, 1980:29. Ainda hoje temos almanaques assim, como o Borda d'Água.

astrónomo e matemático (c.370 a.C. - c.300 d.C.). Estudou em Atenas com Eudoxo, na Aca- emia de Platão, e com Aristóteles, no Liceu.

tu de suspeita aplicação. Vejam-se nomes como Hiparco, Aristarco de Samos, e outros refe- idos por Samuel, 1972:49.n.3.

comprovar que já existia nas civilizações minóica e micénica. Daquilo que se consegue apreender dos lineares, os nomes dos meses diferiam entre Micenas e Pilos. Em Creta teria existido um calendário lunissolar, demonstrando assim que havia conhecimento e celebração ritual dos equinócios e dos solstícios.

Contudo, visto Atenas ser a capital cultural (e científica, portanto) do mundo helénico, é a ela que me vou cingir.

Na categoria destes calendários incluem-se os que não estavam sujeitos a exactidões astronómicas ou a perfeitos cálculos matemáticos, mas a razões que se prendiam com as celebrações religiosas, o exercício do poder ou a produtividade económica.

É assim que, no séc.V a.C., chegamos à coexistência destas três formas principais de medir o tempo²²:

- 1) O calendário dos festivais
- 2) O calendário político
- 3) O calendário sazonal

3.1. O Calendário dos festivais

Este calendário era usado pelo arconte para regular as celebrações dos festivais religiosos e acontecimentos sagrados, indicando os dias específicos para se realizarem as comemorações e os sacrifícios, dando, assim, orienta- ções para o calendário político organizar as suas actividades, de modo a não coincidirem.

Como foi referido anteriormente, estes calendários não se regiam pelos sistemas elaborados pelos astrónomos. Assim, o ano novo (o primeiro dia do Hecatombéon), por exemplo, era uma festa móvel, pois acontecia na tarde do primeiro visionamento do crescente da Lua nova depois do solstício de Verão²³.

O nome dos meses também reflectia a importância deste calendário. E se bem que muitas outras festividades (e de maior importância histórica) fos- sem celebradas ao longo do ano, como as Leneias no Gamélion, as Panate- neias no Hecatombéon, ou as Dionísias Urbanas (Grandes Dionísias) no Ela- febólion, as denominações que se seguem estarão próximas de uma realidade mais antiga, que se perde nos fundamentos da religiosidade grega:

²² Aproximo-me da divisão apresentada por Hanna, 2005.

²³ Note-se que esta mobilidade não poderia ser adiada *ad eternum* por questões meteorológicas que pudessem impedir a visibilidade do fenómeno, não devendo ultrapassar em mais de um dia o atraso ou adiantamento do calendário.

- Hecatombéon (Julho/Agosto), como primeiro mês do ano, era aquele em que se ofereciam hecatombes, provavelmente a Apolo.
- Metagítion (Agosto/ Setembro), também dedicado a Apolo, era a festa da mudança, propícia às modificações e adequada a receber os novos vizinhos (*meta geitôn*).
- Boedrómion (Setembro/Outubro) era o mês da celebração da vitória de Teseu sobre as Amazonas ou socorro de Íon (*boedromos*, «aquele que socorre») a Teseu, na luta contra Eumolpo.
- Pianépsion (Outubro/ Novembro) também era dedicado a Apolo. O seu nome deriva de *pyanos*, favas, pois na festa das Pianépsias comia-se um cozido desta leguminosa. Nesse mês também se festejava a festa das Sombrinhas, as Ciras (ta Skira), em honra de Atena. Não confundir com as Cirofórias mencionadas abaixo.
- Maimactéion (Novembro/ Dezembro) era o mês da festa a Zeus *Maimáktes* (o Impetuoso), epíteto que associava esta divindade às características que o distinguiam, como sejam o poder sobre as tempestades e o mau tempo.
- Posídeon (Dezembro/ Janeiro) era o mês dedicado a Posídon. Chama-se «Posídeon Segundo» ao mês de 30 dias que se intercalava quando necessário.
- Gaméliion (Janeiro/ Fevereiro) era o mês das Gamélias, o mês dos casamentos (*gamos*).
- Antestéion (Fevereiro/ Março), como o nome indica, seria o mês dedicado às flores (*anthos*). É aqui que se celebravam as Antestérias, festival em honra de Dioniso, virado para o louvor do vinho novo e apaziguamento dos mortos, enfeitando com flores as taças por onde se bebia.
- Elafébólion (Março/ Abril) era o mês em que se festejava Ártemis, caçadora de cervos (*elaphós* – cervo; *ballo*: caçar).
- Muníquion (Abril/ Maio) era o mês das Muníquias, festas dedicadas também a Ártemis Muníquia, a deusa do porto ático com o mesmo nome.
- Targéliion (Maio/ Junho) era o mês das Targélias, festas em honra de Apolo (e também de Ártemis, mas talvez não desde sempre). Era oferecido aos deuses (*thargelos artos*) um pão feito com as primícias, servindo esta festa para purificação e preparação das novas colheitas. Praticava-se, neste mês, um ritual de expiação, em que um ser humano (normalmente um criminoso)²⁴ era sacrificado de modo a que houvesse um efeito catártico sobre a cidade e os cidadãos.

- *Cirofóion* (Junho/ Julho) era o mês de Atena por excelência, onde se celebravam as Cirofórias, festa que saía do templo da deusa e exaltava outras divindades, como Deméter, Perséfone e Posídon. Nesta procissão exclusivamente feminina, as mulheres transportavam a imagem de Atena com um toldo, simbolizando a protecção que a deusa daria aos campos durante as colheitas que se aproximavam.

Como a influência religiosa de Atenas se expandiu também para as suas colónias, Mileto, na Ásia Menor, por exemplo, partilha com Atenas seis²⁵ dos doze nomes de meses, fazendo remontar esta forma de calendarização à Idade do Ferro grega (dado que a colonização desta cidade se situa pelo ano de 1050 a.C.).

Posteriormente, a organização por ligas e associações que uniram várias cidades-estados levou a que, no século II a.C., os nomes dos meses dos calendários das federações fossem indexados os números, de um a doze, provavelmente para não ofenderem a susceptibilidade religiosa de nenhum dos estados-membros (temos exemplos da liga da Fócica ou da Acaia).

3.2. O calendário político ou boulêutico ou conciliar

Este tipo de calendário estava associado às actividades políticas levadas a cabo na cidade e teria de se articular com o anterior. A sua estrutura tinha em consideração a necessidade de adaptar o ano solar a dez meses, de modo a que cada uma das pritánias pudesse reger a Boulê. Este órgão era o chamado Conselho dos Quinhentos, formado por este número de cidadãos, 50 de 10 tribos, eleitos anualmente, assumindo cada tribo, por um mês, a presidência (pritania). Distinguiam-se os anos pritânicos pelo nome do secretário da primeira pritania.

Este ano político tinha 365 ou 366 dias, seguindo o ano solar. Assim, as pritánias podiam ter sido divididas em 6 meses de 37 dias e 4 de 36. Aristóteles²⁶ refere 6 meses de 36 e 4 de 35, correspondendo assim a 12 meses lunares.

Cada uma das tribos exerce, à vez, a pritania, seguindo a ordem designada pela sorte: as primeiras quatro presidem durante trinta e seis dias cada uma; as outras seis fazem-no durante trinta e cinco dias; isto porque se regem pelo ano lunar.

Haveria aqui um ano intercalar de 384 dias dividido por 10 meses (tantos quantas as pritánias), em que 4 teriam 39 dias e 6 teriam 38 dias. As pritánias teriam assim uma diferença do calendário das festividades.

²⁵ Metagítion, Boedrómion, Pianépsion, Posídeon, Antestéion e Targéliion.

²⁶ *Constituição dos Atenienses*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. Tradução de Delfim Ferreira Leão.

3.3. O calendário sazonal

É o calendário do agricultor, como aquele que se pode deduzir em Hesíodo. Apresentava a duração das estações e dividia-se em equinócios e solstícios, indicando também o aparecimento ou desaparecimento de estrelas. Era um calendário solar rudimentar.

Tucídides louva este tipo de calendário, concreto, contra os vagos calendários políticos²⁷.

Poderiam ter sido os calendários sazonais a baptizar os meses a partir das estrelas, das constelações, mas tal não acontece. Como mencionado atrás, as diversas cidades-estados tinham nomes específicos e diferenciados para os seus meses. No entanto, coincidiam na temática, tendo os aqueles sido atribuídos com referência aos deuses ou às festividades que lhes eram dedicadas naquela altura.

4. Os dias da semana e os dias do mês

Os dias da semana eram contados por números de um a sete²⁸, aproximando-se da duração de cada fase da Lua. No entanto, não há registo de tentativas de acerto destas unidades de tempo com a realidade astronómica, podendo-se, então, acreditar que subsistiam pela vantagem de identificação cronológica. A associação dos dias com os deuses não era conhecida na Grécia antiga, sabendo-se apenas que no século III d.C. essa forma (usada pelos Romanos) estava difundida: Domingo – Dia de Hélio; Segunda-feira – Dia de Selene (a Lua); Terça-feira – Dia de Ares; Quarta-feira – Dia de Hermes; Quinta-feira – dia de Zeus; Sexta-feira – Dia de Afrodite; Sábado – Dia de Crono.

Os dias do mês eram contados a partir da Lua nova. Até ao dia 21 a numeração era crescente. A partir daí, era decrescente.

O primeiro dia era chamado *noumenia*, a Lua nova, e o último dia era chamado *ênê kai nea* (velha e nova). Terá sido Sólon o inventor desta terminologia.

Cada mês, de 29 ou 30 dias, era dividido em 3 grupos de 10 (ou 3 de 10 e um de 9). O primeiro grupo de 10 dias era chamado *mênós istamenou* ou *mênós archomenou*, o mês que se está a levantar ou a começar. O segundo

²⁷ 5.20.

²⁸ Por provável influência hebraica. Ainda hoje, tal como em Portugal, os dias da semana, na Grécia, são contados de segunda a quinta-feira (*Deftera, Triti, Tetarti, Pempti*). Sexta-feira é o dia da preparação (*Paraskevi*), seguindo-se o *Sávato* e o *Khiriaki*, o dia do Senhor.

grupo era o do meio do mês (*mênós mesountos*) e o terceiro grupo de 10 dias era o do mês que se findava (*mênós phihíntonos*).

Assim, o dia 2 era o *deutera istaménou* (o segundo do mês que começa), o dia 3 era o *trítê istaménou* (o terceiro do mês que começa), e assim sucessivamente. Chegando ao dia 10, muda-se de forma e o dia 11 (*hendekate*) pode aparecer como *prôtê epi deka* ou *prôtê mesountos*, (o primeiro dia do mês que está a meio) ou dia 12 (*dôdekáte*) como *deutera mesountos* ou *deutera epi deka*, e assim por diante. O 20.º dia do mês era chamado de *dekate mesountos* ou apenas *eikás*, e a partir daí iniciava-se a terceira dezena, que tinha como característica a possibilidade de ser contada progressivamente ou de trás para a frente.

Assim, o dia 21 podia ser expresso como o primeiro (*prôtê met' eikadas*) ou como o décimo dia daquela última dezena (*dôdekate phihíntonos*). O dia 22 poderia ser o 2.º (*deutera met' eikadas*) ou o 9.º (*ennátê phihíntonos*), e assim sucessivamente. Quer o mês tivesse 29 quer 30 dias, o último dia era sempre, como referido, *ênê kai nea*.

5. A Cronografia²⁹

A par da calendarização, que nos indica as unidades de tempo que avançam inexoráveis, constantes num definido sistema astronómico, temos a cronologia, que nos permite relacionar fenómenos, associando os acontecimentos que se quer datar com os sincronismos que vão tornar possível a sua datação (muitas vezes permitindo apenas determinar o *terminus ante quem* ou *post quem*).

Ainda hoje, no nosso dia-a-dia, é através da cronologia relativa que mais facilmente datamos factos e eventos, indexando momentos da nossa vida a outros que tenham relevância para os nossos interlocutores³⁰.

No quotidiano, as cidades mediam o tempo com referência a quem estava no poder: ao arconte, ao rei, ao sacerdote desta ou daquela divindade. Temos a lista dos arcontes de Atenas desde o séc. IV ao séc. I d.C. e, para ajudar a cronologia, os antigos relacionavam esses epónimos com grandes eventos, normalmente mobilizadores de toda a Hélade, como os Jogos Olímpicos. A afixação da lista dos vencedores das Olimpíadas veio facilitar a datação de muitos eventos.

O cômputo de gerações foi uma das formas encontradas, se bem que

²⁹ Chamo a atenção para as tabelas cronológicas existentes na Bibliografia, destacando a 109 páginas de Bickerman, 1980.

³⁰ «No tempo em que Ramalho Eanes estava no primeiro mandato», «depois do 25 de Abril», «antes dos meus pais casarem»...

não fosse claro o número de anos que as compunham, discutindo-se valores que oscilam entre os cerca de 33 e os 40 anos. Também a contagem por eras foi relevante para a situação dos acontecimentos, principalmente a que Seleuco I, na Babilônia, em 311 a.C., iniciou com a sua satrapia. Destacam-se ainda as eras de Diocleciano, começada em 284 a.C., e as que tinham como referência uma batalha (forma de datação muito popular entre os Gregos), como a de Ácio, em 31 a.C.

A que a nos marcou a todos e se continua a usar foi, indiscutivelmente, a era cristã, à qual o Ocidente indexa as suas datas. Contudo, entre alguns teólogos, procura-se evitar o a.C./d.C ou B.C./A.D.,³¹ preferindo promover BCE/CE, interpretados como «Before Commum Era»/ «Commum Era».

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

(N.B. Os textos gregos são referidos em nota de rodapé)

- Barton, T., *Ancient Astrology*, London, Routledge, 1994.
- Bickerman, Elias J., *Chronology of the Ancient World*, Ithaca, NY, Cornell University Press, 1980².
- Bowen, A.C. e Goldstein, B.R., «Meton of Athens and Astronomy in the Late Fifth Century BC» in Leichty, E. et al. (eds.), *A Scientific Humanist: Studies in Memory of Abraham Sachs*, Philadelphia, The University Museum, 1988, 39-81.
- Frazer, James George, Sir, «The Human Scapegoat», in *The Golden Bough*, New York: Macmillan, 1922, cap. 58; Bartleby.com, 2000.
www.bartleby.com/196/. [Date of Printout].
- Hannah, Robert, *Greek and Roman Calendars. Constructions of Time in Classical World*, London, Duckworth, 2005.
- Neugebauer, O. e Pritchett, W.K., *The Calendars of Athens*, Cambridge (Mass.), Harvard University Press, 1947.
- Pritchett, W.K., *Athenians Calendars and Ekklesias*, Amsterdam, J.C. Gieban, 2001.
- Rhodes, P.J., *The Athenian Boule*, Oxford, Clarendon Press, 1972.
- Rosen, Ralph M. (ed.), *Time and Temporality in the Ancient World*, Philadelphia, University of Pennsylvania Museum of Archaeology and Anthropology, 2004.
- Samuel, A., *Greek and Roman Chronology*, Munich, C.H., Beck'sche Verlag-sbuchhandlung, 1972.

³¹ Por razões religiosas que ainda não me convenceram. V. em <http://www.religioustolerance.org/ce.htm>.